

RETÓRICA EM ROUSSEAU E SUAS FACETAS NA ORIGEM DAS LÍNGUAS*

RHETORIC IN ROUSSEAU AND ITS FACETS IN THE ORIGIN OF LANGUAGES

Juvêncio Terra Marques**

RESUMO

O presente estudo tem como principal objetivo, mediante a origem das linguagens, apresentar o conceito de retórica segundo Rousseau e o modo como ele se desenvolve no entendimento humano conforme seus escritos filosóficos. O artigo toma como base os primeiros cinco capítulos do texto *O Ensaio sobre a origem das Línguas* de Rousseau, obra muito valorosa para o conhecimento humano, que consiste em elementos preciosos sobre a origem cultural da língua falada, língua escrita dos antigos povos. Serão utilizados outros escritos do pensamento rousseauiano que tratam dessa temática, bem como alguns comentadores, para que seja demonstrado de modo limpo e claro como a retórica verdadeira constitui e se articula com a linguagem gramatical e suas funções de representação e comunicação. Logo, a partir disto, a veracidade da retórica será estabelecida como uma perspectiva que o autor fundamenta na origem da linguagem, evidenciando, assim, o que Rousseau nomeia como verossimilhança entre os conceitos.

PALAVRAS-CHAVE: Rousseau; retórica; linguagem; comunicação; verossimilhança.

ABSTRACT

The main objective of this study is to present the concept of rhetoric and the origin of languages according to Rousseau and the way they develop in human understanding according to his philosophical writings. The study is based on the first five chapters of the text Rousseau's *Essay on the Origin of Languages*, a very valuable work for human knowledge, consisting of precious elements on the cultural origin of the spoken language, the written language of ancient peoples. Other writings of Rousseauian thought will be used among texts as well as some commentators, so that it can be demonstrated in a clean and clear way how true rhetoric constitutes and articulates with grammatical language and its functions of representation and communication. Therefore, from this, rhetoric will be established with a true value, based on the origin of language, thereby highlighting what Rousseau names as verisimilitude between concepts.

KEYWORDS: Rousseau; rhetoric; language; communication; likelihood.

* Artigo recebido em 16/02/2025 e aprovado para publicação em 07/04/2025.

** Mestre em Ensino de humanidades e linguagens pela Universidade Franciscana (UFN) e graduado em Filosofia Licenciatura Plena pela mesma Universidade. E-mail: juvencioterra@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Este estudo tratará de modo a apresentar com devida atenção o conceito de retórica e a origem das línguas em Rousseau, nos aspectos filosóficos, político e social, os quais estão diariamente relacionados com o cotidiano da sociedade civil. Existem as ações que geram fatos que os tornam história, neste ponto, temos uma grande questão, a veracidade do modo como o fato é, e como é relatado e como é interpretado por aqueles que observam. Rousseau é categórico nesta crucial questão, pois a verdade é essencial para o fato ser verdadeiro em si e não uma falsa impressão da realidade dada¹. A linguagem comunicativa se faz necessária tanto ao escrever quanto para falar e, ao mesmo momento para que retórica e a gramática seja esclarecedora aos observadores e leitores.

Os primeiros cinco capítulos do ensaio de Rousseau serão objeto desse estudo acerca origem da linguagem os quais são criados a arte, gravuras, símbolos, códigos e etc. Todos estes com o objetivo de representar fielmente a manifestação das coisas, de um modo que qualquer um em espaço e tempos futuros puder identificar com entendimento de verdade dado, com a real ideia de cada coisa. Rousseau “quando se fala transmitem-se o e sentimentos, e quando se escreve, as ideias” (ROUSSEAU, 1973, p.176), mas o que Rousseau quer dizer é que quando se transmite um fenômeno, um simples fato de modo comunicativo que seja, tanto a fala quanto a escrita, devem ter uma sintonia apurada e fiel ao se referir de algo, pelo fator de que haja o entendimento da realidade dada.

E assim sendo, o que se espera é no mínimo um entendimento razoável dos fatos e que a realidade e as boas intenções não sejam distorcidas por indivíduos com peculiaridades negativas. Não é cabível que algumas fazem de um fato simples e puro algo irreal e monstruoso, algo dessa estirpe deve ser execrado e reprovado pela verdade dada. , segundo Bento Prado Jr. em A retórica de Rousseau “pela primeira vez, eis que a “realidade dada” é efetivamente dada sem equívoco; se tornaram evidente e familiar na história com a emergência da consciência da historicidade” (Prado, 2018, p. 195), ou seja, fato descrito fielmente conforme a realidade, numa descrição gramatical limpa e clara, sem nenhum resquício de molduras tendenciosas que apraz o particular. Segundo Prado a “narrativa em direção à perfeição” (Prado, 2018, p. 193). Assim

¹ Realidade dada é todo o fato ou ação com alto nível de pureza e verdade, codificação corretamente verídica, sem erros ou alterações.

como foi nos romances, a paixão em descrever a emoção deve ser para a verdadeira realidade dos fatos, uma retórica lógica.

Neste contexto, uma sociedade mergulha em mazelas sociais recortes da realidade e desencontros no entendimento. Contexto no qual a educação não prevalece em que onde olhares julgam e condenam, as críticas sem fundamento correm em meio a uma sociedade corroída pela corrupção e a realidade é retratada com falsidades e dissertações cognitivas da realidade social para lograr qualquer vantagem que seja cenários digno da desinformação. Rousseau não deixa barato e eleva o nível da intelectualidade para as Belas-Letras que se sobressaem esclarecendo todos que buscam a luz da razão. O pouco letramento da população, as desinformações culturais culminaram para a formação de indivíduos limitados para o senso crítico amplo que proporcionaria outros entendimentos capazes de compreender de fato a sociedade. Além das más línguas que propagam falsas verdades no cotidiano das relações humanas causando obstáculos para a contemplação da verdade e, por muitas oportunidades os comprometidos com o verídico tendo que se utilizar de métodos de pesquisa e investigação, para apenas encontrar o caminho da verdade. Rousseau ao estabelecer que o indivíduo é igualmente livre, este, pode sim optar pela alienação das Belas-Letras e navegar a margem do conhecimento baseado no senso comum, superstições, padrões preconceituosos, extremistas e etnocêntricos em um estado sofisticado que encontra-se desprovido de cultura e entendimentos lógicos, o que diriam na Grécia antiga, estado atual que a mentira vale tanto quanto a verdade, é um estado de desordem. Democracia corrompida pela persuasão desinformativa intelectual e promessas ilegítimas para simplesmente implantar na população falsas impressões da realidade, se fazendo valer de uma retórica enganadora a qual ludibria o povo engenhosamente e o conduz para a alienação.

A alienação do indivíduo é fato, não me detenho neste parágrafo ao entendimento de alienação em Rousseau e sim no seguinte: Rousseau “busca a ordem humana, isto é, o conhecimento do homem em sua própria realidade” o que atualmente é improvável, pois requer muito estudo engajado nas relações humanas, o que de fato a população não dispõe. Pois, os homens impacientes “não ligavam por qualquer ideia de fraternidade comum e, possuindo como único árbitro, a força, acreditavam-se inimigos uns dos outros (Rousseau, 1973, p. 180 – 181). O que se observa são “tanta desumanidade; costumes tão ferozes [...] tanta aversão pela espécie” (Rousseau, 1973, p. 181). Cenário o qual o próprio indivíduo criou enchimentos com sua alienação bem aflorada e precariedade de conhecimentos para poder entender a realidade ou pelo menos aproximar-se por um momento do entendimento de sociedade e suas comunidades. O indivíduo está repleto em sua volta de alienações sendo algumas cultural, educacional, social,

política, econômica, lazer, alimentação, qualidade de vida em geral. Este texto refere-se e utiliza-se como base alienação em Rousseau no sentido que os indivíduos estão alienados em suas próprias referências a suas próprias necessidades, segundo Dent alienação é "viver uma vida dominada por propósitos agressivos não é simplesmente desertar, mas contrariar os interesses corporativos e criativos que prometem plena satisfação de acordo com as reais necessidades humanas" (Dent, 1996, p. 33), vive de modo errôneo ao entender que a realidade é viver a margem da sociedade.

Cenário nada favorável aos indivíduos que pretendem emergir e assim sair da condição de alienação, estado sofisticado que indivíduos encontram-se vivendo, convivendo, sobrevivendo, suportando, tolerando uns aos outros por mera convivência ou interesses, momentos oportunos para lograr qualquer vantagem que seja particularmente útil. Esta forma social, que muitas vezes tem nada de social, é insegura e violenta, as relações são superficiais sem estreitamento emocional e segundo Rousseau sem tornar ativas as capacidades alavancadas pela paixão o indivíduo permanecerá alienado para acessar a realidade verdadeira, "apesar do que dizem os moralistas, o entendimento humano muito deve às paixões, que, segundo uma opinião geral lhe deve muito" (Rousseau, 1973 p. 250), com isto, as motivam e impulsionam os indivíduos para as ações, "é pela sua atividade que nossa razão se aperfeiçoa; só procuramos conhecer porque desejamos usufruir" (Rousseau, 1973, p. 250).

Rousseau descreve alienação sendo grande obstáculo para chegar a usufruir os entendimentos e conhecimentos sobre a igualdade nas relações humanas. Faz com que o indivíduo esteja a margem dos fatos e inativo na participação social da cidadania, pois os próprios indivíduos se excluíram dos saberes. Assim explica Rousseau, "mesmo quando um pudesse alienar - se a si mesmo, não poderia alienar seus filhos, pois estes nascem homens e livres, sua liberdade pertence-lhes a ninguém, senão eles, goza do direito de dispor dela" (Rousseau, 1973, p. 33), ainda explicando "antes que cheguem a idade da razão, o pai, em seu nome, pode estimular condições sua conservação e seu bem-estar" (Rousseau, 1973, p. 33), de modo geral sem benefícios particulares ou usurpação de terceiros.

Alienar-se é inviável, ou seja, inútil para o estado civil democrático de direito, os indivíduos estão com grilhões em uma caverna, utilizando aqui o mito da caverna de Platão, ao se referir em contemplar os conhecimentos verdadeiros. As Belas-Letras podem iluminar o caminho dos indivíduos para os saberes, pois contém luz para esclarecer os indivíduos que se encontram em estado de alienação, sendo manipulados, enganados diariamente pela sedutora

comodidade e a ilusão de conforto que talvez jamais obterá, sendo assim, uma marionete manobrável no mundo.

Especificado alguns conceitos como alienação e paixão de modo a introduzir a apresentação dos conceitos principais retóricas e linguagens se fazia necessário para este estudo galgar espaço entre outros estudos da mesma importância. Agora, aos conceitos trarei a luz da razão a retórica e linguagem segundo Rousseau, nas palavras de Prado trata-se de justificar a “palavra retórica, de mostrar, ao mesmo tempo, a originalidade desta concepção retórica da linguagem e seu lugar central no pensamento de Rousseau” (Prado, 2018, p. 165). Sendo o que, “articula à ideia de *verdade*” (Prado, 2018, p. 165). Pois o século XVIII ilumina a humanidade sobre a luz da razão para contemplar a verdade e fazer ciência, “as várias causas particulares puderam aumentar a linguagem a acelerar seu progresso” (Rousseau, 1973, p. 268), na sociedade civil. Esta tomada pelo egoísmo individual, guerras por pura ganância que destroem a propriedades, instituições, desigualdade econômica e moral trazem mazelas para civilização em geral.

Discursos vagos e falsos sem precedentes são ditos como verdadeiros, trilhando um caminho fictício e mentiroso, pelo simples fato de causar uma desconfiguração da realidade plantando a discórdia e o caos entre a população, para Rousseau a “maioria dos povos, como dos homens, só são dóceis na juventude; envelhecendo torna-se incorrigíveis. Desde que estabelecem os costumes e se enraízam os preconceitos, constitui empresa perigosa e vã requer reformá-la” (Rousseau, 1973, p. 66-67), e ainda mais acerca do povo “o povo nem sequer admite que toque em seus males para destruí-los, como aqueles doentes, tolos e sem coragem que tremem em presença do médico” (Rousseau, 1973, p. 67). Grande parte da população encontra-se alienada e ignora o fato por simples preguiça e desinteresse de saber sobre a realidade dada a comodidade do estado de inércia também o estagna e o satisfaz com desinformação.

É preciso combater a desinformação e a ignorância diz Rousseau, pois sem fazer frente e batalhar para vencer as desigualdades e instaurar o bem-estar social “toda afronta voluntária tornou-se um ultraje porque, junto com o mal que resultava da injúria ao ofendido, este nela via desprezo pela sua pessoa, frequentemente mais insuportável que o próprio mal” (Rousseau, 1973, p. 269). Ainda na retórica de Rousseau, se diz, “como cada um punindo o desprezo que lhe dispensavam proporcionalmente à importância que se atribuía, as vinganças tornaram-se tremendas e os homens sanguinários e cruéis” (Rousseau, 1973, p. 269). Sendo as vendetas sociais rotineiras entre grupos, assim, está muito claro que a humanidade está carente de

humanização, afetividade, benevolência e civilização. É por meio da educação que o povo poderá prosperar para o bem entender do próprio bem estar, e estabelecer novamente de modo geral processo (re) civilizatório para todos em níveis graduais e mais intensos para os povos nem tanto desenvolvidos.

Opção para início temos, pois a retórica rousseauiana tem como princípio o compromisso com a razão e, por esclarecer para que a verdade seja sempre verdadeira pela faculdade racional “o homem selvagem de modo algum possui esse talento admirável e, por falta de sabedoria e de razão, vemo-lo cada dia entregar-se temerariamente ao primeiro sentimento humano. Nos motins, nas arruaças, a população se reúne” (Rousseau, 1973, p. 260). Para que tenhamos uma sociedade efetivamente civil com indivíduos cultos, educados e verdadeiros em suas ações, primeiramente deve-se banir a especulação alheia, intrigas, falsas verdades e mentiras absurdas, as meras invenções incapazes de relatar a realidade, para que se contemple os conceitos verdadeiros. Diretrizes educacionais, linguagem limpa sem hábitos maliciosos ou pejorativos na percepção e cacofonias inadequadas como, distúrbios, dupla personalidade e fobias, devem ser dispensados com características. Para que assim, o envolvimento do indivíduo com o estudo das Belas-Letras seja pleno a contribuir consideravelmente para que o mesmo acenda sua compreensão intelectual e verdadeira da sociedade global, Rousseau diz no ensino sobre a origem das línguas, “não se começou raciocinando, mas sentindo. Pretende-se que os homens inventaram a palavra para exprimir suas necessidades (Rousseau, 1973, p. 169). O que pode induzir a uma interpretação errônea da realidade.

1 RETÓRICA E SUAS FACETAS, LINGUAGEM E SEUS DESDOBRAMENTOS

No início do ensaio sobre a origem das línguas Rousseau esclarece bem que existe a necessidade conforme a circunstância de uma linguagem adequada e confiável sendo fiel a escrita a qual dará solidez a explanação retórica em todas as ações verídicas do homem, “a palavra distingue os homens entre os animais; a linguagem, as nações entre si – não se sabe de onde é um homem antes de ter ele falado. O uso e a necessidade levam cada um a aprender a língua de seu país” (Rousseau, 1973, p. 165). Mesmo havendo as necessidades grande parte da população não faz questão de aprender a língua, muito menos escrever e, vão além com invenções mirabolantes sobre a realidade social. Para, assim, haver de fato entendimento com

certo nível satisfatório e justo, ao mais próximo da realidade dada, o povo deve ser educado e intrigado intelectualmente para a verdade e para o bem.

Expandindo a necessidade de se comunicar uns com os outros, os homens perceberam, segundo Rousseau que, “desde que um homem foi reconhecido por outro como um ser sensível, pensante e semelhante a ele próprio, desejo ou a necessidade de comunicar-lhes seus sentimentos e pensamentos fizeram-no buscar meios para” (Rousseau, 1973, p. 165). Desse modo, a gramática é um instrumento indispensável para o curso civilizado da humanidade, pois o aprendemos e produzimos mais conhecimentos com filosofia, sociologia, geografia, biologia, física, arqueologia e demais ciências, também outros idiomas e línguas faladas e escritas. Conforme Prado, a gramática da conta do universal, ou seja, do todo, a retórica trata dos particulares, ou seja, é mais específica claro que do ideal cognitivo para a prática. Assim “o gênio gramatical remete à estrutura fixa da linguagem e da razão, é o espelho da ordem da natureza e da natureza humana” (Prado, 2018, p. 166), já o “gênio retórico remete à contingência geográfica e histórica das humanidades particulares” (Prado, 2018, p. 166).

Para Prado “neste uso, a linguagem perde, ao mesmo tempo, sua função de *representação* e de *comunicação*; pode ser definida como retórica, como técnica de ação sobre o interlocutor: age sobre a alma do outrem” (Prado, 2018, p.166-167), essa função age sobre o indivíduo, “sem passar pela clareza do conceito” (Prado, 2018, p. 167), aqui se faz valer a importância e afinidade dos conceitos na sua íntegra utilização, pois sem o real significado da coisa ocorre falhas na comunicação por conta dos códigos e dados estarem sem o significado corretamente adequados as coisas em questão. E assim a linguagem se torna vã e sem compromisso com a veracidade das ações. Com isto, detenho a atenção ao fato rotineiro do cotidiano onde que resultaria em uma falsa retórica, ou seja, em atribuições enganosas da realidade.

Pois o indivíduo se utiliza de artifícios e ideais incompatíveis com a veracidade dos fatos, assim, deturpando a realidade, e naturalmente sem haver entendimento dos particulares ou interlocutores, esses, que sejam simples indivíduos ou pesquisadores, o fato é que ambos os indivíduos envolvidos ou de outro modo que se detém ao fato devem seguir a verdade dada e, assim, discorrer e discursar sobre a mesmo, sem superstições externas ou quimeras irrelevantes para o pronunciamento retórico. Assim contendo valor retórico significativo sobre as ações, nas palavras de Rousseau, “em nossos dias, o assunto, transformado em arrazoados, em discussões, até mesmo em brincadeiras, arrastar-se-ia, e permaneceria impune o mais tremendo dos crimes” (Rousseau, 1973, p. 167). Remetendo aos pré-juízos e as injustiças do dia a dia, rotineiros em

pequenas sociedades povoada com indivíduos alienados de cultura, entendimentos gramaticais e direitos, falam sem fundamentação e conhecimento nenhum.

Contudo, o homem somente cria convenções bem definidas sobre os sentidos dados aos significados a cada objeto de cada ação, assim, a linguagem conterà efetivamente significados exatos. Rousseau explica que, “a língua de convenção só pertence ao homem e esta é a razão por que o homem progride, seja para o bem ou para o mal, e por que os animais não conseguem (Rousseau, 1973, p. 169), com isto, “essa distinção, por si só, pode levar-nos longe (Rousseau, 1973, p. 169). Após a convenção e os consentimentos, as definições acerca dos conceitos e significados, se estabelecem os valores de verdade para todos, sem exceção, seguirem como padrão de certeza.

Rousseau é magnífico ao fazer entender que a origem das línguas nem sempre são pela necessidade das emoções, mas pelas necessidades morais, nas paixões, então Rousseau diz, “todas as paixões aproximam os homens, que a necessidade de procurar viver força separaram-se. Não é a fome ou a sede, mas o amor, o ódio, a piedade, a cólera, que lhe arrancaram as primeiras vozes” (Rousseau, 1973, p. 170).

Denominamos como caminho contrário, sobre o que Rousseau se refere como grande apanhado de inversões gramaticais criadas e usadas no cotidiano social, o fato é que, ‘todo este sistema de inversões, no interior da teoria da linguagem, está ligado a uma transformação do sentido da ideia de verdade; na definição da ideia de verdade, também, a relação de adaptação entre linguagem e a realidade” (Rousseau, 2018, p. 170) . Para intender o que é considerado válido teremos que observar o que Prado diz, “definindo o bom uso da língua como ação indireta de uma alma sobre outra, através dos movimentos dos sentimentos e das paixões, Rousseau dá uma definição essencialmente *retórica* da linguagem” (Prado, 2018, p. 170).

A retórica em Rousseau consiste em uma gama nuclear de argumentos filosóficos os quais elevam o filósofo ao nível altíssimo de reconhecimento intelectual por toda tradição iluminista. Rousseau põe os mais finos e reais significados para conceituar suas teorias. Assim, com isto, a retórica em Rousseau explica e também tem o pleno compromisso com a veracidade social e científica. Pois o retor sendo o mestre em oratória, o retórico, o que cria e organiza os argumentos válidos, deve necessariamente saber a gramática e ter compromisso de profanar a verdade para público. “Com esse efeito, “a retórica nasce do reconhecimento da impossibilidade de vencer ou de convencer, ela está sempre à mercê da resistência do auditório” (Prado, 2018, p. 96), porém “o retor é aquele que” conhecendo o homem”, se dirige aos homens, que fala a

uma humanidade particular deste espaço vazio que separa as humanidades particulares (Prado, 2018, p. 97).

Para Rousseau a eloquência expressa na escrita é a própria manifestação da retórica, que conceitua a verdade da realidade social. No ensino, Rousseau demonstra com clareza que se faz necessário abdicar dos preconceitos e utilizar-se da razão para contemplar e disseminar a verdade sem ser falacioso. Isto vai além do ridículo, no “silêncio dos preconceitos”, pois é necessário estudar “a história das nossas opiniões faz-nos ver como os homens, ora por necessidade, ora por impaciência, substituíram como êxito diverso a verdade pela verossimilhança” (Cassirer, 1992, p. 299). É preciso sair da inércia obscura das opiniões descativeis para a luz do raciocinar, nas palavras de Rousseau (1973, p. 170):

como os primeiros motivos que fizeram o homem falar foram as paixões, suas primeiras expressões foram tropos. A primeira a nascer foi a língua figurada e o sentido próprio foi encontrado por último. Só se chamaram as coisas pelos seus verdadeiros nome quando foram vistas sob sua forma verdadeira. A princípio só se falou pela poesia, só muito tempo depois é que tratou de raciocinar.

Um das questões mais importantes no tocante da retórica é o uso desta para mentiras, persuasão enganadora da realidade, sem compromisso com a veracidade, mas utiliza-se dos fatos para criar algo impróprio ao real. Prado (2018, p. 171) dá a real desse tipo de ação mentirosa, que a mentira em algumas situações substitui a verdade, “é o jogo do amor-próprio que define esta atitude e a forma particular de *mentira* que implica”. Pois, os interesses são os mais diversos quando se aplica mentira, não sendo deste o propósito, darei alguns exemplos como, benefícios próprios, corrupção, esconder algo, lograr vantagens, caluniar terceiros, imputar falsas verdades sobre alguém etc. E também reconhecer a própria ignorância que “contém a causa de toda a perversão futura e cria no homem a sede de poder e a vaidade, torna-se um peso exclusivamente para a sociedade” (Cassirer, 1999, p. 73), para assim, contemplar por meio conhecimento retórico a verdade.

Bento Prado Jr. (2018, p. 172) é pontual ao definir o significado de mentira, então “a mentira é ainda possível, mas transformada numa “ficção” o que não tem peso algum”, se para indivíduos letramento e bem discernidos intelectualmente requer propriedade de conhecimento gramaticais. Entende-se que para a população em geral é mais explicações para entender com facilidade, pressupondo as implicações no entendimento gramatical. Os indivíduos que criam falsas verdades sem se preocupar em raciocinar, no viés que a verdade será soberana sobre a

mentira, sendo que os homens não estão totalmente livres da linguagem artificial e não podem evitar o erro e o fingimento” (Monteagudo, 2021, p. 74).

Para que a sociedade tenha menos desigualdades e injustiças deve educar o povo, para que este saia do estado de alienação, a educação desde a infância percorrendo até o período adulto com ênfase na igualdade, nos valores sociais e na justiça se fazem impreterivelmente necessárias para formação do cidadão crítico e consciente, “de todo modo, é inegável que, tanto para o cidadão quanto para crianças pequena, assistência inicial é necessária para o bom desenvolvimento da vida moral futura” (Kawauche, 2024, p. 7).

Rousseau compenetrado em desenvolver o espírito intelectual do homem civil com a luz razão e para que a vida em sociedade seja mais justa e igual, nos lembra que a eloquência persuasiva ludibria os homens mais inocentes e os convencem sobre inverdades com argumentos falsos e falhos, a possibilidade de verdades quase descartada, ficando em segundo plano, ou seja, no plano das mentiras sobre mentiras. Rousseau nos esclarece muito bem sobre o hemisfério do homem verdadeiro comprometido com a retórica verdadeira:

O homem que chamo *verdadeiro* faz exatamente o contrário. Em coisas perfeitamente indiferentes, a verdade que o outro tanto respeita quase não lhe importa, e ele não hesitará em divertir seus companheiros com fatos inventados dos quais não resultem nenhum julgamento injusto a favor ou contra quem quer que seja, vivo ou morto. Mas todo discurso que produza para alguém em proveito ou dano, estima ou desprezo, louvor ou censura contra justiça e a verdade é uma mentira (Rousseau, 1986, p. 60).

Neste texto dos devaneios, Rousseau é bastante claro enquanto ao homem falso e sua conduta sorrateira e retórica mentirosa, se utiliza de diversos modos que lhe convém, associando diversos fatos falsos a outras ações de outros indivíduos, intrigas disseminadas por pessoas que promovem de maneira ou de outra a discórdia. Claudio Araújo Reis, valida essa leitura da realidade humana, “mas não se vale só da manipulação dessas disposições desde sempre presentes: o contágio depende da disseminação de inverdades (Reis, 2024, p. 6). Fragilidade onde não cabe, vitimização no que não existe, mentiras descaradas são forjadas em recortes da realidade, em contexto inexistente, e sim aficionado por manipuladores que se aproveitam de determinadas ocasiões, são apenas uma gota em meio um oceano de falsidades que não representam a retórica verdadeira.

O tom de suas palavras são tendenciosas para discorrer os fatos, seja por vantagem própria, seja sobre alguém, seja para difamar só por costume sujo e baixo, e o homem se mostra inescrupuloso. Mansamente planta por meio de conversas e comentários, opiniões falsas e

distorcidas da realidade, com o intuito de falar o que muitos querem ouvir, e se identificam formando uma manada de opiniões sem consistência alguma, sem se comprometer com a verdade dada. Ocupa a atenção de muitos grupos de homens com mentiras sórdidas, ociosas e inúteis. Incansavelmente, Rousseau (2018, p. 171) localiza e nos alerta sobre tais pessoas:

conheço essas pessoas que a sociedade denomina verdadeiras. Toda sua veracidade. Toda sua veracidade resume-se, nas conversações ociosas, em criar fielmente os lugares, as datas, as pessoas, em não se permitir nenhuma ficção, em não embelezar nenhuma circunstância, interesses, em não exagerar nada. Em tudo que não toca seu interesse, elas exibem, em sua narração, a mais inviolável fidelidade. Mas quando se trata de expor algum assunto que lhes diga respeito, de narrar algum fato que as toque de perto, todas as cores são empregadas para apresentar as coisas sob a luz que lhes é mais vantajosa, e se a mentira lhes é útil e elas próprias se abstêm de dizê-la, favorecem-na com destreza e fazem de tal modo que ela seja adotada sem que lhes possa ser imputada. Assim mando prudência: adeus à veracidade.

As verossimilhanças nesses conceitos são, à priori, fundamentalmente necessários para a comunicação teórica e discursiva ser entendida corretamente conforme os fatos são descritos, porém no quesito gramatical em âmbito social, o uso inadequado da eloquência e da gramática faz com que a realidade se torne funesta e ineficaz para o combate contra a desigualdade. Por muitas ocasiões, opiniões são meras especulações, inconfiáveis, costume ou cacoetes de quem está inseguro ou incerto de situações públicas e sociais, e mesmo assim opina sem qualquer razão ou conhecimento de causa.

Por Rousseau, incentivo-os pelo entusiasmo todos a estudar, pesquisar e conhecer para que possam ser mais cultos e, assim discutir saber interpretar a realidade humana. E, somente assim, se ocupar de conhecimento verdadeiro e poder ter como base as grandes referências intelectuais da humanidade, logo poderá fazer o bom uso de uma retórica justa e confiável. Pois as sociedades modernas oferecem-nos “num mesmo lugar a imagem destas diferenças entre pobres e ricos: os primeiros habitam uma terra ingrata e os outros, a região fértil” (Rousseau, 2004, p. 32). Nesse texto de Rousseau é claro e, entende-se que a desigualdade está estabelecida, mas o fator que chamo atenção é para aceitação do pobre permanecer na condição de pobre, um conformismo do *status quo* o qual estagna o indivíduos mais pobres com enganações e retórica falaciosa da quais discorrem falsas promessas econômicas, urbanas e culturais. Pois, mentiras são em muitas ocasiões convenientes para distorcer a realidade e enganar o povo.

Em Rousseau, tanto a linguagem escrita quanto a linguagem falada são instrumentos públicos e democráticos, porém o uso que se faz em diversas oportunidades não fazem jus a verdade dada, “ora, é menos razoável educar um pobre para ser rico do que um rico para ser

pobre” (Rousseau, 2004, p. 32). Na democracia todos devem ter a mesmas condições e oportunidades para conquistar sucesso, seja econômico, político ou cultural. Desse modo, o povo precisa de alimentação e instruções educacional para prosperar em uma sociedade que carece de honestidade.

As opiniões são as mil dos mais variados tipos, entre essas, muitas maracutaia e dissimulações públicas para atrasar o povo na condição de pobreza e alienação cultural. Starobinski nos faz entender a função normativa dos ricos que da manutenção para manter a condição de pobreza, alienação social e cultural, desigualdade econômica e intelectual e “tudo que difere da pobreza ideal do estado primitivo deve ser considerado como invenção humana, fato de cultura, modificação do homem por ele próprio” (Starobinski, 2011, p. 395), desse modo, “podemos saber onde cessa o homem da natureza e onde começa o *homem do homem*” (p. 395), assim, as falsas personalidades também podem ser identificadas ao mesmo momento.

Para amenizar que seja o índice e o nível da desigualdade cultural e elevar o conhecimento intelectual desenvolvendo habilidades de interpretação e discernimento da realidade social e seus desdobramentos, é necessário planejamento e investimento educacional e profissional em todos os setores do estado civil. Pois muitas centenas de milhares de indivíduos nem estudam nem trabalham, logo não possuem condições de formular sequer uma simples opinião, quanto mais falar sobre algum fato que requer entendimento teórico e prático. O letramento, de modo geral, a gramática é impreterível no curso da vida de qualquer indivíduo, como Rousseau disse e seus contemporâneos sustentam sobre a linguagem ser entendida nas mesmas condições de igualdade, se não fosse preciso inexisteriam a escrita, e as vozes não falariam, “em lugar de arrazoados, teria sentenças; persuadiria sem convencer e descreveria sem raciocinar” (Rousseau, 1973, p. 172). É difícil em um estado com resistência ao desenvolvimento científico e incentivo a pesquisa, entender que as Belas-Letras proporcionará condições de possibilidades para a razão superar os preconceitos e a ignorância, reconhecendo verdades que antes jamais poderiam entender, assim, elucidando o povo e encaminhando-o para o esclarecimento.

Rousseau nos ensina que, a habilidade de escrever não se associa a capacidade de fala, os homens do período o moderno em destaque do século XVIII avançam com o progresso científico das coisas e ao aperfeiçoamento do homem em todas suas faculdades, pois “na medida em que as necessidades crescem, os negócios se complicam, as luzes se expandem, a linguagem muda de caráter. Torna-se mais justa e menos apaixonada”

(Rousseau, 1973, p. 173), e “substitui os sentimentos pelas ideias na fala mais ao coração, senão à razão” (p. 173).

Direcionando para as considerações finais, no quinto capítulo do ensaio sobre a origem das línguas Rousseau nos esclarece sobre a linguagem escrita que se “substitui a expressão pela exatidão” (Rousseau, 1973, p.176), com isto, “quando se fala transmite-se os sentimentos, e quando se escreve, as ideias”. Filosoficamente Rousseau (p. 176) escreve:

ao escrever, é-se obrigado a tomar todas as palavras em sua acepção comum, porém aquele que fala varia suas acepções pelos tons, determina-se como lhe apraz. Menos preocupado sem ser claro, dá maior importância à força; não é possível que uma língua escrita guarde por muito tempo a vivacidade daquela que só é falada. Escrevem-se as vozes e não os sons.

Logo, para ter e fazer sentido gramatical e retórico obviamente que a estrutura dos códigos está alinhavada com o entendimento, ou seja, devem necessariamente estar em conformidade, para expressar a realidade como um todo. Contudo “ora, numa língua acentuada são os sons, os acentos, as inflexões de toda sorte que constituem a maior energia da linguagem” (Rousseau, 1973, p. 176), para tudo, precisa-se saber compreender e fazer-se entender retoricamente ao público em geral. O verossímil dos significados está para todos e se fazem valer legítimos pelo nível coerente e fiel dos conceitos que explicam por uma linguagem tudo que existe, de modo ou gênero: científico, econômico, político, social, filosófico poético, romântico, fábulas, mítico, suspense, comédia, literário e muitos outros. Tudo pode ser compreendido pela razão, basta querer buscar e adquirir os conhecimentos corretos.

A linguagem utilizada pelo povo é a falada popular, sem muita verossimilhança científica ou acadêmica e, em relação aos fatos muitos dizem, porém sem muito comprometimento com a verdade das situações. O que não quer dizer que a linguagem seja ilegítima, mas sim, sem veracidade perante a realidade dada. Em muitos momentos da história da humanidade, os indivíduos se mostram inarticulados ao se expressar, com precariedade cultural tanto ao falar quanto ao escrever. Antes de passar para as considerações, cito Dent “a fala, concomitantemente, é áspera, brusca e exigente, com o propósito não de acariciar e seduzir, mas de transmitir necessidades com exatidão. Tão premente é a necessidade de sobrevivência que os outros são sempre vistos como predadores potenciais” (Dent, 1996, p. 175), anota-se a busca incessante pelo reconhecimento notório.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar neste momento algumas questões que Rousseau propõe como possibilidades para uma sociedade justa com mais cultura e menos desigual. Nestas considerações, não irei me deter em aprofundar e explicar as possibilidades propostas por Rousseau, mas apenas sugeri-las. Com Rousseau, pude contemplar diversos conhecimentos filosóficos, educacionais, econômicos, políticos e literários, proporcionaram entendimentos valiosíssimos que são contemplados só com a leitura dos escritos rousseauistas. Tendo trilhado estes conceitos rousseauistas, observamos muitas situações na linguagem retórica praticada nas sociedades civis a serem corrigidas, para que a população tenha e seja capaz de compreender a realidade por si só, com efetivo entendimento da sociedade, sem referências de opiniões externas e críticas construtivas motivantes. De modo, que, o fato existe, porém, “é de fato no plano dos princípios que o equívoco mergulha suas raízes: apresentam-se como verdade materiais e descritivas os meros momentos de uma análise, torna-se como enunciado de sistema de normas universalmente válido aquilo que é apenas genealogia” (Prado, 2018, p. 201). Pois nem sempre os fatos são verificados cientificamente.

Segundo Rousseau, existem sugestões eficazes que podem ser utilizadas para instruir a população a adquirir o conhecimento verdadeiro e não se contentar com rasas opiniões de individuais desinteressados com a verdade, o “famoso achismo”. Pelas Belas-Artes, pelas Belas-Letras pode sim ser a saída da condição de alienação cultural e acender para o esclarecer da razão, a relação do homem para com sociedade, homem para com natureza e suas interações, são apenas um exemplo da vasta produção literária, filosófica e científica de Rousseau, que faz com que se amplie as compreensões sobre o mundo e suas humanidades. À medida que humanidade avança para com o progresso científico dos povos e da urbanização, o homem relaxa sobre a natureza os recursos ambientais são degradados pelo homem e suas descobertas, isto faz com a qualidade de vida baixe em todas os setores da sociedade civil. O índice de desigualdade cultural e econômica aumenta, sendo fácil, assim, manipular os povos ao comodismo e a permanecer alienados de conhecimento e sabedoria, fazendo com o letramento se torne algo desnecessário. Aqui, ressaltando a cultura como questão do entendimento dos saberes e interpretação étnica de cada povo em cada região, de modo correto acerca da realidade a qual está inserido ou se inseriu, sem juízos e preconceitos.

Esse quadro de entendimentos filosóficos e científicos só pode ser criado, desenvolvidos/experimentados, comprovados e compreendidos por uma linguagem escrita e

falada que tenha codificação e configuração verdadeiramente válida e validadas, segundo Rousseau, por convecções. Assim, as decisões se tornam públicas e necessárias. Significado conceitual tem sentido, peso e valor. E dito isto, cito a definição de escrita e linguagem de Rousseau no pensamento Prado, “mas, se escrever significa, portanto, apoiar se em uma linguagem a fim de desviá-la para uma nova direção, se dizer só, pode ser contradizer, podemos conceder um sentido positivo” (Prado, 2018, p. 204). Portanto, para concluir nas palavras escritas de Prado que, “os limites da escrita não são dados pelo fato de que ela é incapaz de oferecer, em seu meio de exterioridade, a verdade infalível experiência vivida: só se torna um mal quando e porque se institucionaliza” (Prado, 2018, p. 205). Considera-se também, que esta pesquisa está em andamento, outros conceitos importantes em Rousseau que não foram mencionados serão apresentados para compor estudos futuros.

REFERÊNCIAS

CASSIRER, Ernest. **A questão de Jean-Jacques Rousseau**. Tradução de Erlon José Paschoal. São Paulo: UNESPE, 1999.

CASSIRER, Ernest. **A Filosofia do Iluminismo**. Tradução de Álvaro Cabral. Campinas: UNICAMP, 1992.

DENT, Nicholas J. H. **Dicionário Rousseau**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1996.

MONTEAGUDO, Ricardo. **Retórica e política em Rousseau**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2021.

PRADO, Bento Jr. **A Retórica de Rousseau**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do Contrato Social**. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os pensadores).

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação**. Tradução de Roberto Leal F. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Os devaneios do caminhante solitários**. Tradução de Fulvia M. L. Morreto. Brasília: Ed. UNB, 1986.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Ensaio sobre a Origem das Línguas**. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os pensadores).

STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau**: a transparência e o obstáculo. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

KAWAUCHE, Thomas. A religião civil em Rousseau e a ideia de sentimento como contraveneno. **Revista Iuminus**, São Luiz, v. 1, nº 1, p. 1-14, jan./jun., 2024.

REIS, Claudio Araújo. Contra toda uma geração : Formação de opinião complo nos *Diálogos*. **Revista Iuminus**, São Luiz, v. 1, nº 1, p. 1-11, jan./jun., 2024.